

SERAPHIM PIETROFORTE

LIVRO DAS DEDICATÓRIAS


PATUÁ
EDITORA
LIVROS SÃO AMULETOS

ficha



Livro das Dedicatórias:
a poesia do diálogo
nos tempos do ego

Rodrigo Bravo

“Há muitos poetas, mas poucos leitores de poesia...”.

Ouço a esse mantra, quase sempre dito em tom prescritivo e sisudo, desde que, há cinco anos, comecei a me aventurar pelos espaços em que se produz e consome a poesia brasileira Contemporânea. Como periga acontecer com toda fórmula fixa da enunciação – preces, mandamentos, ditados, provérbios... –, ele tende, porém, a perder seu sentido depois de tanta repetição. Quem seriam os tais poetas, ditos serem muitos, e quem são os tais leitores, ditos serem poucos? De que poesia é essa que se está falando, que abunda em quem a faça, mas carece de quem a frua? Frente a isso, talvez a hora de repetir o adágio tenha acabado e o que chega, na verdade, é o tempo de questioná-lo.

Não creio tenha sido mal-intencionado o primeiro poeta a dizê-lo. Fazia, de maneira nobre, a crítica da situação calamitosa da literatura em nossa sociedade: dentre as muitas artes produzidas no Brasil, malgrado sua excelência e engenho, a poesia vai mal; não é debatida, não é discutida e não é repensada para além das vanguardas do

Modernismo; torna-se arte de nicho, cuja propagação não ultrapassa seu próprio orbe; desaparece depois que findo o sarau ou lançamento. Há, sim, poucas pessoas dispostas hoje a adquirir e ler por completo um livro de poemas, mas isso não deveria representar o cerne do problema: em nossa época de acúmulo irrestrito de informações e pouca reflexão, é a substituição do critério de *qualidade* por *quantidade* o que realmente deveria alarmar a comunidade dos poetas.

O mantra inocente tenta esconder, porém revela o outro lado do artista Contemporâneo, o regido por sua vaidade: *há muitos poetas, mas poucos leitores de (minha) poesia*. Trocando a reflexão sobre a arte e a crítica sadia por likes e anuência em redes sociais, o poeta sente carência de público leitor que lhe traduza os riquíssimos sentimentos que derramou por sobre a página em pura catarse estética; chora de casaca chique quando jaz sozinho na casa de cultura, sem vender livro algum, em lançamentos malfadados. Como sei disso? Sou eu próprio o fanfarrão que narro. A vantagem é que falo enquanto fanfarrão em meio a pretensos deuses do novo parnaso. Reconheço-me no crime para apontá-lo. Na gana de culpar o leitor por nosso insucesso, esquecemo-nos de que nós mesmos, poetas, lemos muito pouco (não aos Clássicos, esses ainda estão seguros) uns aos outros.

O resultado é algo tão etéreo quanto horrível: amamos a poesia uns dos outros, a ela tecemos elogios infinitos, adquirimos livros aos montes de escritores amigos, participamos dos momentos apicais de suas carreiras poéticas (como participam eles dos nossos), mas não nos engajamos em diálogo enquanto leitores. Por mais privilegiado que seja nosso contexto atual, em que o acesso às comunicações cresceu exponencialmente, preferimos dizer nada do outro, com medo de que, contrariado, o outro diga algo que nos contrarie. Sob a rede de elogios vazios dos círculos literários contemporâneos excreta-se um odor ardido, o metano rançoso de uma crítica atravessada, sempre intestina, jamais manifesta. *A real shitnetwork*, parafraseando o sábio Jim Lahey. Se faltam leitores à poesia, somos nós os primeiros culpados.

É porque rompe radicalmente com as amarras da *shitnetwork* da poesia Contemporânea que este *Livro das Dedicatórias*, mais novo trabalho da obra poética de Seraphim Pietroforte, vem em boa hora completar nossa literatura. Dedicatória é normalmente coisa supérflua para o leitor, espaço que o autor se reserva para mostrar seu fino trato de bom moço e roubar algumas lágrimas de familiares, professores e amigos; reles paratexto, portanto, como a nota de rodapé e o número da página. Aqui, em sentido contrário, é a prática de dedicar um livro a alguém, a *fenomenologia do dedicar* em si, que se articula poeticamente:

os poemas que compõem o Livro das Dedicatórias são, como se denuncia em seu título, uma compilação destas, como se prefaciassem um livro ainda por existir, que nunca se realiza. Ler a dedicatória a partir da perspectiva pobre de mero paratexto resulta nesse argumento absurdo; entendê-la, no entanto, como *gênero de discurso*, dotada de lógica própria, em diálogo profundo com sua tradição poética, permitirá ver o extremo contrário.

Em tempos Antigos poetizar não era um fim em si mesmo. Fazia-se poesia para agradar os deuses, demarcar ritos nupciais, conduzir e organizar a colheita, alegrar o convívio social, etc.; a poesia estava atrelada ao Mundo, dificilmente o observava, preferindo participar dele a contemplá-lo. Dentre as muitas funções da poesia, talvez melhor representada pelo vastíssimo corpus epigramático da literatura greco-latina (secs. V a.e.c. - XV d.e.c), a de embelezar o bem ofertado aos deuses ou aos mortais era frequentemente trabalhada e depurada por inúmeros poetas. Para citar alguns exemplos, lemos o epigrama VI.265, da grega Nósside (sec V a.e.c.), em que a autora dedica um manto que teceu com sua mãe à deusa Hera, esposa de Zeus:

Hera honrada que, tanto, dos céus, nos visitas,
e guardas o Lacínio perfumado

Aceita o líneo manto que teceu Teuflíde

de Cleocante, com Nósside, sua filha.

O poema de Nósside, provavelmente, antes de ser registrado no rolo de papiro, estava grafado em alguma tábu de cera ao lado do manto ofertado, agora perdida nas voltas da História. O poema original, se existiu, não era endereçado a uma comunidade de leitores, mas a uma deusa, potência imutável de organização da Natureza, a quem deveria deleitar e encantar para facilitar a aceitação do presente e a garantia do favor. Copiado e catalogado, porém, pelos filólogos de Alexandria, permite ser removido de seu contexto original e dissecado enquanto *discurso e linguagem*. Para os poetas helenísticos e imperiais, séculos depois, a dedicatória se tornou *artifício poético*: não escreviam mais dedicatórias reais, atreladas à prática social específica, mas *brincavam* de rearticular suas potencialidades ficcionais. Em seu epigrama V.74, o poeta bizantino Rufino, por exemplo, imita o cenário em que o amante dedica uma guirlanda a sua amada, só para encaminhar, em seguida, tirada jocosa sobre a efemeridade da vida e dos amores:

Rodocleia, te envio esta guirlanda que
entrelacei, à mão, com belas flores.

Nela, há lírios, e há rosas, e a úmida anêmona,
tenros narcisos e roxas violetas.

Por isso, veste-a agora, e cessa de ser vã,
vicejam tu e ela, e, também, murcham.

Indo ainda mais longe com a brincadeira, no epigrama 5.15, Rufino tece um elogio a Mélite, desejando que escultores lhe façam uma estátua dela e que pedreiros lhe façam um templo em que ele possa colocá-la. É a partir da mecânica da dedicatória, conforme articulada por séculos por outros poetas, que Rufino pode comunicar ao leitor de seu epigrama que a beleza de Mélite era igualável a das deusas:

Onde estão Praxiteles e Policleto,
de mãos que pelas artes sopram vida?
Quem moldará, de Melite, os belos cabelos,
o fogo do olhar e o fulgor da nuca?
Onde estão os pedreiros, cadê os escultores?
Imagem que é de deus, lhe cabe um templo.

Os experimentos de Rufino com a dedicatória, como vimos, embora engenhosíssimos, não ultrapassam a dimensão do sujeito enunciador: o foco ainda recai sobre aquele que dedica, o autor do poema, que demonstra a seus pares o quão bem pode rearticular um arcabouço comum de referências culturais. No *Livro das Dedicatórias*, por outro lado, Seraphim Pietroforte experimenta com o misturar de sua lógica de composição à dos autores a quem dedica seus poemas; cria, portanto, novo gênero literário, o da *dedicatória experimental*, que consiste na composição de um poema-memória, documento da prática de leitura do autor em que ele explicita o processo da síntese de duas lógicas, a sua própria e a do autor lido, reunidas agora em novo texto produzido a partir de puro diálogo. Cada poema – e isso verá o leitor –, é completamente diferente do outro em termos estilológicos e temáticos; a única coisa que têm em comum é o celebrar do tempo dedicado à leitura da poesia de cada autor coevo, apresentado sob as diversas lógicas composicionais manifestadas ao longo do livro.

Ao escrever-se de maneira distinta a cada novo poema, repensando-se a partir das lógicas particulares de cada autor amigo, Pietroforte elogia, antes de seus colegas, a própria natureza dialógica dos discursos, tão abandonada em nossos tempos de *shitnetwork*. Esse elogio, longe de ser pedante, parnasiano ou romanticamente panfletário, dotado da sisudez característica do gênero, aqui se vê livre

de falsos moralismos e dignidades furadas; por vezes, é no discordar irônico, na analogia cômica ou na troça benfazeja que se revelam os mais belos tributos. Todas as linguagens, sabemos, extrapolam sua programação: o que é comunicado sempre é reinterpretado e rearticulado em todos os níveis da significação; dando a essa rearticulação caráter lúdico e competitivo, o poeta refina a linguagem e cria, a partir dela, novas maneiras de figurar a realidade. Na eterna tentativa, reconhecidamente fracassada, de elevar determinada linguagem ao máximo de suas potencialidades, os poetas brincam, entre si, de superar-se uns aos outros. É essa matéria de que é feita o diálogo nas artes poéticas: a ironia jocosa que irrompe naturalmente entre os amigos íntimos é o sinal sadio de que a poesia vai bem; sua ausência em prol de reles anuência burguesa é sintoma de que está doente.

E é no logro de curar a coriza dos poetas burgueses cansados que este *Livro das Dedicatórias*, mais novo representante da estética Maximalista a compor esta Série Neuron, vem se deixar ser lido pela comunidade literária como tributo a toda uma geração de poetas e ao pluralismo das lógicas de composição, irredutíveis entre si e igualmente válidas. Trate bem, portanto, caro leitor, desse livro que segura: não é sempre que, nesse mundo de egos inflados, se vê prova viva de que ainda há poucos autores que desejam mais leitores não apenas para a *sua*, mas para *todo o tipo de poesia*.



O procedimento Maximalista de Seraphim Pietroforte n' O livro das dedicatórias

Matheus Steinberg Bueno

Era uma noite tremendamente chuvosa em São Paulo quando, no intervalo de meia hora que eu possuía entre minha saída à USP e minha entrada ao trabalho, conheci Vicente. Havia algum tempo, à época, eu procurava, como poeta iniciante e munido de muitas ideias, um grupo para o diálogo literário. Em sua casa, entre um prato e outro que se ia, ouvi falar, pela primeira vez, do Maximalismo. O Maximalismo, termo emprestado do movimento iniciado por Flô Menezes na música eletroacústico, é um movimento literário integrado hoje por seis pessoas: Antonio Vicente, Rodrigo Bravo, Maria Vitória Siviero, Rogério Brugnera, Silvio Barbosa e por mim. Buscamos, por meio dele, a elaboração de múltiplas referencialidades na obra de arte – nas palavras de Flô: um “laborinto” no qual o outro [o leitor] perceba-se num labirinto de íntegros labores, nos quais o artista, antes de se limitar a citações de obras alheias, deve desenvolver elos entre as estruturas das obras (não entre suas superfícies), partindo das formas antigas para criar sempre novas formas, nunca limitando-se à destruição emotiva e anacrônica do antigo em nome da

ascensão insipiente do nada, da desconstrução vazia, pois a isso o Maximalismo responde com novas formas para o ato poético. Por esse motivo, a construção das referencialidades deve, necessariamente, se dar nas tramas neuronais; o poeta, calimaquiano, domina a inspiração e não o contrário, seu mito fundador provém da hierogamia de outros mitos, do indispensável mundo clássico ao mundo mítico semita de Israel.

Dias depois, em uma festa na qual tive a oportunidade de mostrar-lhe alguns de meus textos, ouvi pela primeira vez os poemas do Vicente em um pequeno recital enlouquecido pela neve que observávamos cair. Nossas reuniões para leitura de poesia tornaram-se rotineiras, praticamente semanais e, cada vez mais, nos empenhávamos à prática da escritura maximalista que passou a ser desenvolvida naturalmente no interior do grupo. Baseando-nos naqueles conceitos mencionados antes, passamos, principalmente Rodrigo, eu e Vicente, a nos emularmos: Vicente escrevia um poema, Rodrigo emulava sua malha rítmica, produzindo um novo poema e o lia a mim, que pescava algo do ritmo e algo do léxico, adaptando às coerções às quais eu me propunha, até produzir um novo poema, emulado logo em seguida por Rodrigo ou Vicente, e assim o ciclo se repetia. A esse tipo de procedimento, chamamos corrosão do ego.

Em seus estudos de semiótica da poesia, o Vicente propõe quatro regimes de engenharia poética, baseados na categoria formal *continuidade vs descontinuidade*: (1) *pregador*: o poeta que afirma a *continuidade* da palavra no discurso, utilizando figurativização difusa, fixando temas e variações, que vão de frases a traços fonológicos formadores de assonâncias e aliteraões (é o caso da poesia de Allen Ginsberg); (2) *linguista*: o poeta que, de maneira oposta ao *pregador*, afirma a *descontinuidade*, fragmentando as palavras e frases, decompondo-as em seus segmentos constitutivos, como e e cummings; (3) *conversador*: o poeta que nega a *descontinuidade* tendendo a aproximar a fala do discurso, mas sem o efeito de desbragamento da poesia do *pregador*; (4) *arquitecto*: o poeta que nega a *continuidade* do fluxo discursivo, o que implica a necessidade de se estabelecer coerções e princípios de regularidade, como a métrica. Segundo por essa proposta, n' *O livro das Dedicatórias* se faz poesia conversadora a começar pelo título que, de cara, estabelece relação com o outro: aquele a quem o poema é dedicado e com cuja obra o Vicente dialoga em seus poemas – seja com citações, seja com emulações –. A corrosão do ego – o emular e citar o outro, a prática de leitura e escrita coletivas –, vale lembrar, é uma das coerções da poesia Maximalista, conforme mencionado.

Sua poesia, todavia, apesar de deixar explícito, desde o início, seu viés *conversador*, conta com alguns elementos

do *arquiteto* à medida em que o seu verso *conversador* se inclina em direção à metrificação da fala humana. Esse proceder calimaquiano – vale dizer, a principal coerção do Maximalismo –, requer ao poeta repertório: ele precisa estar não somente à par da tradição, mas também ter domínio pleno sobre o código usado – no caso d’*O livro das dedicatórias*, a poesia verbal, a língua portuguesa, seus padrões de versificação, sua prosódia – e isso ao Vicente, tenho certeza, não falta, como se depreende logo da leitura do primeiro poema, “O Brasil em ritmo de Nazirock”. O verso que fecha a primeira estrofe, “a luta e o fracassado – o elo e um imbecil”, forma um alexandrino perfeito, com hemistíquio na sexta sílaba; e o verso que fecha o poema, “nenhum fascista há de me enganar”, pode ser lido como perfeito decassílabo heroico. Esses versos podem ser encontrados ao longo dos poemas, às vezes entre um verso e outro, como na primeira estrofe de “Imagem através do vidro em dias de chuva”, na qual os dois primeiros versos, “perante o vidro/minha alma espreita”, quando lidos de uma vez formam decassílabo com exatamente o mesmo andamento do terceiro verso da estrofe, “espírito do vinho é só fumaça”. Vemos, portanto, que mesmo em tom coloquial, Vicente tece versos complexos tanto em relação ao plano de conteúdo quanto em relação ao plano de expressão, com malhas rítmicas que revelam seu profundo conhecimento musical para além da comercial MPB e sua lamentável descrição estereotipada do Brasil, a qual Vicente

se opõe bruscamente ao tecer nosso país sem típicos regionalismos e lugares comuns a que recorrem os cancioneiros de sempre. Afinal, o Brasil do Vicente, esse Brasil dos encontros Maximalistas, passa longe disso, estabelecendo-se no ambiente da contracultura, no mundo judaico da resistência, no mundo das drogas, do movimento BDSM, enfim, daquilo que nunca se associa ao Brasil estereotipado da indústria cultural.

Antes das dedicatórias

Antonio Vicente SERAPHIM PIETROFORTE

Procuro pela literatura desde quando aprendi a ler e escrever, com seis anos de idade. Estamos em 1970, talvez alguém se lembre do Cine Mistério, que ia ao ar todas as sextas-feiras, na Rede Bandeirantes de Televisão, o antigo canal 13VHF. Filmes de vampiros, lobisomens, fantasmas... monstros gigantes, discos voadores... eu raramente perdia as sessões. Meu primeiro conto foi uma história de terror, o segundo e o terceiro, também; acabei fazendo um livro de contos, escrito à mão e a lápis. Por volta dos doze anos – agora estamos em 1976 –, escrevi mais alguns contos; a motivação vinha novamente dos filmes de terror: a série norte-americana *The night stalker*, traduzida *Kolchak e os demônios da noite*. Kolchak era um jornalista do sobrenatural, sempre desacreditado pelas autoridades policiais; a série antecede as histórias em quadrinhos de *Dylan Dog*, o detetive do sobrenatural, e inspirou diretamente *Arquivo X*.

Em 1985, quando ingressei nos cursos de Letras da FFLCH-USP, um dos motivos para estudar Língua e Literatura era aprender a escrever. Minha formação é em Língua Portuguesa e Linguística; fiz mestrado, doutorado e livre-docência em Semiótica; dou aulas de Linguística e Semiótica na mesma faculdade desde 2000. Atualmente,

junto com Maurício Vasconcellos, atuo na consolidação do primeiro curso de pós-graduação em Criação Literária da USP, junto à área de Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa.

Aprendi muita coisa na faculdade, todas elas são indispensáveis para tudo que escrevo na minha vida profissional. Uma das mais importantes, talvez, seja que a Literatura nasce no diálogo com outras Literaturas e com outras linguagens além das verbais, quando nossas subjetividades se constroem nas relações com os outros. Nessa filosofia da alteridade que é a arte literária, em 2006, quando tive meus primeiros contatos com a Literatura Brasileira Contemporânea, voltei a escrever. Em 2007, lancei *Amsterdã SM*, meu primeiro romance, e *O retrato do artista enquanto foge*, o primeiro livro de poesias; de 2006 a 2013, vivi com intensidade essa cultura literária. No segundo semestre de 2013, porém, estive afastado; foi quando morei durante seis meses em Lisboa para fazer meu pós-doutorado, estudando a PoEX, a Literatura Experimental Portuguesa.

Voltei para São Paulo em fevereiro de 2014. Sei que seis meses não são tanto tempo e que, lá em Lisboa, com ajuda dos amigos E M de Melo e Castro, Fernando Aguiar, Ana Isabel Soares, Manuel de Freitas, Ricardo Álvaro e Miguel Martins, apreciei com interesse a cena literária de lá. Há, no entanto, além do tempo dos meses e do espaço

dos mapas, outras dimensões; em uma delas, eu estive bem longe da Literatura Brasileira.

Na volta, retomando o Brasil, continuei distante dela por mais um ano e, apenas em maio de 2015, fiquei sabendo dos lançamentos de *Pig brother* e *até lugar nenhum*, ambos livros de poemas do Ademir Assunção. Para os adquirir, entrei no site da editora Patuá, do meu ex-aluno de Linguística Eduardo Lacerda: vi que a Patuá ia de vento em popa; acabei adquirindo *Corpos em cena*, o primeiro livro de poesias da Susanna Busato, também editado pelo Lacerda. A partir de então, retomei os diálogos com a Literatura Brasileira.

Atualmente, publico toda semana minhas leituras no Facebook, buscando divulgar os colegas escritores; escrevo a coluna *Palavra quase muro* no portal Musa Rara, do Edson Cruz, fazendo resenhas sobre novos autores, e a coluna *Leituras de um brasileiro*, no portal de esquerda Carta Maior, sobre literatura e ideologia. Desde 2016, eu e os poetas Rodrigo Bravo, Matheus Steinberg Bueno, Rogério Brugnera e Silvio Moreira desenvolvemos o projeto de Literatura Maximalista, aplicando na prosa e na poesia as mesmas ideias do músico Flo Menezes relativas à composição musical. Conheço jovens poetas quase todos os dias; recebo constantemente livros pelo correio; acompanho os lançamentos das principais editoras independentes da cidade de São Paulo, a Córrego, do Gabriel Kolyniak,

e a Patuá. Tudo isso recomeçou relendo a Susanna e o Ademir, e com as edições do Lacerda.

Desses muitos diálogos, recebi numerosas influências, temas, ideias... versos inteiros, cuja melhor expressão que eu poderia dar seria, também, por meio da poesia. Assim, no final de 2016, dei forma a 26 poemas, dedicados a 26 amigos músicos, artistas plásticos e poetas. Felizmente, tenho muitos outros amigos, todos eles tão queridos quanto os mencionados nos poemas do livro; isso é um bom motivo para continuar com as dedicatórias no futuro. Na maioria das vezes, as reflexões surgiram por meio dos textos lidos; há poetas citados que ainda não conheço pessoalmente, mas dos quais já conheço a poesia.

No dia 29 de março do ano corrente, visitei o Lacerda no Patuscada – a versão em bar da editora Patuá –, e tive o prazer de cruzar por lá com o Ricardo Escudeiro. Durante nossas conversas, o Eduardo aceitou publicar os 26 poemas do *Livro das dedicatórias*; por este tempo e espaço que dividimos naquela noite, gostaria de dedicar o livro ao Eduardo Lacerda e ao Ricardo Escudeiro.

São Paulo, 31 de março de 2018.



**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

O BRASIL EM RITMO DE NAZIROCK

para Rodrigo Bravo

na banca de jornais,
estou diante dos livros;
posso ver Anne Frank e o Führer
a luta e o fracassado – o elo e um imbecil

o Arqueiro Verde me diz, “fique chapado,
acerto melhor depois do fumo”

o poeta alien repete
“no dia mais noite,
na noite mais trevas,
nada me escapa,
posso ver tudo por trás das ideologias,
nenhum fascista há de me enganar”

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

POR QUE TANTA LOUCURA, PREZ?

para Matheus Steinberg Bueno

Lester Young depois de horas
ouvindo Benny Goodman
o saxofone alto de John Zorn

por que tanta loucura?
ciente das montanhas de pedra
daqui, vejo todos os picos
há nuvens de fumaça verde
por cima das nossas cabeças
carreiras de neve
sobram sobre os pires
nada como a política dos destilados
antes de dormir

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

AMADRÍADA

para Rogério Brugnera

no desenho do asfalto
um fractal se espalha na cidade grande
momento de apertar o gatilho
a ideia fixa na fotografia

nessa tarde cinza
o único Narciso ainda
ecoa na corrosão da mente
diante do espelho
e da música maximalista

a seiva vegetal insiste e se ramifica
em cada árvore
uma Dríade desponta no asfalto

então me diga
na imanência da linguagem
fica a poesia conceitual
ou fica a moça descalça?

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

ETERNAS NOIVAS

para Luiz Gê

eu vi que eu era uma locomotiva
dentro de mim, ela passeia descalça
ainda me lembro do dia em que a conheci
airosa, fazendo riscado na minha memória
observa toda essa fumaça
fluxo da linguagem fumo
sopro da minha cabeça em direção ao éter
eu vi que eu era uma locomotiva
e vi também sua beleza nuvem
areia dispersa sobre os trilhos
como se fossem duas carreiras de coca
brilho como se fosse o brilho do quasar
quase cúmulo dos seios pontudos
dentro daquela blusa justa
eu vi que eu era uma locomotiva
máquina de fazer verso, música
para meus ouvidos são esses flaps
dos seus pés descalços, instantes antes
de você seguir imersa na cabine cérebro

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

ALGUMA LUZ

para Flo Menezes

mas não falo do Vulcano
dos habitantes da área 51
ou daqueles que vagam por aí
elegantemente
vindos de Sírius
eu mesmo, venho da constelação de Cetus
sou Ahab, porque me obceco
Nemo, quando quero explodir todos os navios
evidentemente, sou Jonas e Pinocchio,
o guardador de rebanhos,
cogumelos brotam na madeira úmida
flautas para meus ouvidos

o senhor Spock é um *felix catus*
ondas desenham sua pele clara
a seu modo, música
registro numa fita magnética
Sekhmet, à procura de sangue
senhorita Bastet descansa em minha casa
cercada de leite
imersa na matéria escura

a grande nota ressoa
através do cosmo novamente
tudo se resume à nave em que você viaja

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

PERNAS PARA ALÉM DE FRANÇOIS TRUFFAUT

para Bellé Jr.

pensa assim
são três pares de pernas
três doses de rum
três tapas de fumo para cada um

duas, são do trato de levante
a namorada negra
imagino o contraste no vestido vermelho
seria Hécate
três encruzilhadas de três
no vestido amarelo
seria Sol
na planície dos pampas
verde
cor das folhas de marijuana
azul
a que menos combinaria com ela

outras duas

a mocinha que me vende frutas no quiosque

depois de vinte mil léguas submarinas

nada como buscar por elas atrás do balcão

através dos vidros

por trás das boas maneiras

por fim

as duas de Rosa Luxemburgo

eu sei, ela mancava

por isso mesmo é que me lembro dela

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

MOCINHA VESTIDA DE MENINO

para Deb Bonsai e para Simone Teodoro

minha melhor amiga
é uma menina que gosta de menina

ninguém imagina
nesse amor impossível
quando ela fala
gosto de menina
vestida de menino

é que a palavra vestido
quer dizer um tipo de roupa
mas também quer dizer
um estado do corpo
quando se diz
estou vestida

nunca a via de vestido
como se fosse coisa proibida
mesmo assim
nosso quase amor me permite
te imaginar quase minha
minha menina
vestida de menino

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

VOZ

para Giselle Viana

ela chamou vaso percussivo sem flores
mas também, pode ser ghatam

e seguir por esse caminho
via em Mumbai
fruto da imaginação, bondage...
Durga tem dezenas de braços em que me amarrar
nos ares do oceano, sal
outra onda dentro do vaso
Ela passeia descalça na Índia
montada em seus tigres

meu vaso, úvula
princípio de tudo
lugar em que o grito se transforma em fala
alguma coisa entre ladrar e dizer
estou aqui

a Índia em good power,
isso segreda o guia
enquanto me oferece o fumo
comprado no parque repleto de corvos

o templo dos corvos a céu aberto,
nunca mais seria o mesmo
nos tempos em que tocava tabla
diante dos corvos, das mangas e dos macacos

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

IMAGEM ATRAVÉS DO VIDRO
EM DIAS DE CHUVA

para Leonardo Mathias

perante o vidro
minha alma espreita
espírito do vinho é só fumaça

meu sopro, vida
apenas por alguns instantes
tempo suficiente para algumas marcas

o dedo em riste
sou meu corpo em seu sopro
diante desse quase espelho

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

OUTONO

para Carolina de Bonis

debaixo dos cabelos
nexo, imerso na neblina
nada se sustenta no ar
durante muito tempo

minha casa é sólida
não se deixe enganar pela escada
encaracolada
que fica do lado da porta

do lado de fora
vários degraus acima do telhado
não servem para nada
mas são indispensáveis

caso você subisse por eles
descalça
meu olhar atento divaga
em cada lance suspenso

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

AS ERVAS

para Susanna Busato

na fumaça verde
sou Oz
diante da mocinha descalça
que me diz
vou para o norte

no pôr do Sol
tem tanta coisa acontecendo
as ondas eletromagnéticas vagam pelo cosmos
o desvio para o azul, efeito da atmosfera
os celacantos nadam no oceano Atlântico
na costa da África
as aves, nas copas das árvores
fazem
piu!
piu!
piu!

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

MULHER SUSPENSA NO AR

para Andreia Carvalho Gavita

imerso nos quadrados mágicos,
quantos pregos são precisos para ser Pinhead?

não faltam pontos de acupuntura...
os cenobitas, somos sensíveis às dores e às curas

relógio d'água – quase escrevo clepsidra,
me detenho a tempo – dobra,

quanto tempo ficaria ali, em suspensão
pelos anzóis e os furos?

ora Matsya, ora Sereia,
assim ninguém naufraga

em Ur, em Marte,
em Eldorado

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

AS HERAS

para Rubens Zárate

elas estão por aí, nos muros das escolas...
cada dia fica mais difícil desviar-se delas,
por volta das 18 horas, quando é junho,
no hemisfério sul, e anoitece cedo

certa noite, uma dessas heras me espera,
entre a parede e a porta, já é inverno,
mas ela resiste e ainda mostra os ombros, uns braços
e quase tudo, abaixo dos joelhos

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

FILME DE TERROR

para Delmo Montenegro

esse palhaço
que eu trago tatuado no meu peito
é na verdade Chucky

longe do fracasso
the killer doll
se liga na mocinha
que anda de cadeira de rodas

por isso mesmo pária
– chega pelo correio –
ninguém recrimina
quando você pega
no brinquedo assassino

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

GIBI DE BANHEIRO

para Edmilson Felipe

debaixo da marquise
enquanto a chuva afina
caminhada entre o balcão e o próximo
agora não parece
mas tudo isso é nada
diante das equações de Kepler

o gin nacional, que faz mal à cabeça
a carreira de coca misturada com bicarbonato
o rock de merda daquele playboy
a palavra de ordem “fora...”
que não se resolve

outro tiro de coca e vou em direção ao copo
o cérebro, onda eletroacústica
a lenda de Eer ressoa em oito canais
Iannes Xenakis, depois de Weber
prefiro o chiado das drogas a ouvir essa merda

[de música popular

lixo nas rádios de todo planeta
isso sim, não cabe dentro da minha cabeça

o fascista enche o saco?
o pastor pedindo dinheiro...
a bancada desse Jesus do caralho?
aquele mendigo também, que não tem três dedos
mudra da miséria quando pede uns trocados,
mira aquela magrinha descalça,
vendendo arame enrolado
tocando flauta
como se fosse Krishna

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

BRASIL

para Luiz Venegas

cafezais sem fim
que nunca vi
mas imagino
como seria
sob a luz do sol

escolho
que fica na memória

em Évora
na Catedral dos Ossos
reencontro
minha mãe e suas irmãs
minha avó
medita
no vestido gris
e
diz:
te espero

os ossos
que aqui estamos
contrastam com as flores

nunca vi tantas
pela estrada afora
verdes e amarelas

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

INSÔNIA

para Marcelo Montenegro

entre uma faixa e outra
ruído branco do rádio

dos discos de vinil

música eletroacústica

no ruído ríspido do cartão

agulha sobre o pires
– esse sim, disco voador –

o som da corrosão
na condução desse ruído branco

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

NINJAS COMEM MACARRÃO

para Ademir Assunção

um dia acordei e vi que eu não tinha rosto
vejo as órbitas
meus olhos sem as pálpebras
não posso dormir
sequer consigo me perder no sono
meu rosto me levou o nariz
a fumaça sobe pelo céu da boca
a corrosão desce nervosa
por cima dos espelhos
na úvula grito ah! – rapidamente
ave de rapina me solapa um olho
minha semióptica não serve para nada agora
no meio da praça onde o céu é do abutre
biocibernético, vocalizado
no piano dos meus dentes
sou Chopin, me amarro nas magrinhas
quase sem seios, que andam por aí descalças,
sob suas cartolas vermelhas
um dia acordei e vi que eu não tinha rosto
mas ainda me sobrava a boca

para mandar no seu ouvido

PIU!

me sobra o septo

para me encher de coca

– sou Tony Montana, por trás das metralhadoras –

a fumaça erva dilata meus ouvidos

Hefesto martela a armadura de Aquiles

dentro da minha cabeça

sou a corrosão da coca

sou a pistola de raios que o partam

sou aquele que repete e diz

passa e foda-se

um dia acordei e vi que eu não tinha rosto

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

DIA DOS MONSTROS

para Admir Demarchi

a viagem noturna
finda
diante do ocaso rosa
limite do mar
entre o oceano e o céu
por acaso você se desliga
ou grita
no
not the bees

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

SEIVA VEGETAL

para Adriana Zapparoli

o poeta era
talvez, se fumasse a erva
o poeta hera

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

OCEANÁRIO

para Marília Garcia

estou em Lisboa, na estação do metrô
na parede posso ler *sou um homem*
um poeta *uma máquina de passar vidro colorido*
um copo *uma pedra*
penso em Mário Cesariny e no surrealismo
um copo, o vinho em Portugal me fez
ébrio em 13,5%

um copo, toda noite um copo de vinho
um copo de vinho
um copo de vinho
até encerrar uma garrafa de vinho
eu em 13,5%

no Minho, passeio sob a ponte
o vinho verde me lembra o simbolismo do verde
no simbolismo do corpo humano
a ponte pedra cai sobre si mesma
cai sobre mim, o homem desmaturizado
pelo verde vinho

muitas vírgulas
como se fossem chuva
o que importa agora é Eco
e a performance das sereias
na hora de me afogar em álcool

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

ANAGRAMA

para Marcelo Tápia

descalça
desconfia da linguagem
quando ela coloca os pés cruzados sobre a mesa

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

DISSEMINAÇÃO DO SOM

para Jaa Torrano

não desço pelo ralo
desço aos jardins de Hades

conheço Hanuman
o tributo a meus irmãos macacos
pago todos os dias

peço
todas as manhãs
que minha pala não falhe
em todos os sentidos

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

SADE NA PRAÇA DA REPÚBLICA

para Contador Borges

vamos contar os dias
professor
fazer orgias
nos centros das cidades
você declama poesia no serralho
enquanto eu
acendo a brasa dos cigarros
na fabulação da peça de teatro
traduzir outra novela do Marquês de Sade
Santa Tereza, nessa noite escura,
e a mocinha esperta e descalça
do centro da cidade

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

UM DIA ACORDEI E ME TORNEI MARRANO

para Moacir Amâncio

no jardim figueiredo
o nome de minha mãe e de minha avó
isso se perde...

leio a psicologia de massas do fascismo
de Wilhelm Reich
isso explica

na minha biografia
posso ser Popeye
louco de erva

Jasão, amarrado em Medeia
Ahab, em sua baleia
Hermes punheteiro

Magneto
destruidor de Auschwitz
em meu sangue latino

**LIVRO DAS
DEDICATÓRIAS**

SERAPHIM PIETROFORTE

RIVERÃO

para Maurício Salles Vasconcelos

uma poesia sonora
feita sobre o erre da memória
museu de uma cultura que já não existe
ela só sobrevive no significante
que sorri como se fossem anjos barrocos
no livro 20, do seminário de Lacan

a palavra valise
o Homem de Ferro carrega em sua valise
tal qual o agente secreto 007
entre o punhal e um punhado de dólares
o epicédio o samba o sambaqui

Colofão